

## INDISCIPLINA NA SALA DE AULA E AS POSSÍVEIS INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS.

**Tais Bispo Arantes**

Licenciatura Plena em Pedagogia

[taissarantes@gmail.com](mailto:taissarantes@gmail.com)

**Silvana de Lourdes Cena**

Licenciatura Plena em Pedagogia

[silvanacena@gmail.com](mailto:silvanacena@gmail.com)

**Sonia Maria Gonçalves Martins**

Licenciatura Plena em Pedagogia

[soniamicrocamp@hotmail.com](mailto:soniamicrocamp@hotmail.com)

**Marcela dos Santos Oliveira**

Licenciatura Plena em Pedagogia e Letras Português

[marcelasantospedagoga@hotmail.com](mailto:marcelasantospedagoga@hotmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a indisciplina nas salas de aula do ensino fundamental I, bem como as relações que permeiam essa conduta com objetivo de compreender porque a indisciplina é cada vez mais presente nas escolas, de que modo as diferentes tecnologias têm influenciado negativamente as crianças e de que forma a psicopedagogia pode servir de instrumento auxiliador na mediação dessas relações. Cada vez mais é possível perceber que a criança mudou. Os chamados nativos digitais não são passivos, eles se manifestam, dinamizam, e por vezes não reconhecem limites. Principalmente com a influência desordenada das interatividades, como celulares, tablets e computadores, que tem reforçado nos alunos, a desatenção, o desrespeito, enfrentamentos, a intolerância e o imediatismo. Mas será o aluno o culpado dessa indisciplina? Como a psicopedagogia pode auxiliar no combate a indisciplina? Essas são as questões que tentaremos responder, no decorrer deste artigo, que foi pautado em metodologia bibliográfica, tendo como principais autores, Aquino (1999); Bossa (1992, 2002); Vygotsky (1984) entre outros. Tendo a pretensão de contribuir, de forma reflexiva, para futuras pesquisas referentes ao tema.

**PALAVRAS-CHAVES:** indisciplina; intervenção; psicopedagogia.

## INTRODUÇÃO

A educação como direito de todos, dever do Estado em conjunto com a Família garantidos na Constituição Federal de 1988 (CF/88), está dividida em ciclos pertencentes a educação básica. Tida como um dos alicerces sociais a escola é fundamental no processo do desenvolvimento pleno do sujeito e o objetivo da mesma é a formação básica do cidadão afim de sua inserção relevante, justa e igualitária na sociedade. Para isso, segundo o artigo 32º da LDB – Lei 9394/96, é necessário:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996.)

Para tanto a escola é o ambiente que o indivíduo passa boa parte do tempo na vida, na perspectiva de sua evolução integral como sujeito ativo e social, capaz de subsistir em meio a um mundo de relações complexas. Entretanto estudos apontam que a realidade está longe dos objetivos propostos e que a queixa maior dos profissionais da educação neste tempo se dá no quesito comportamental dos educandos, como aponta Boarini (1998) em seus estudos descrevendo, com fragmentos de pesquisas realizadas em âmbito nacional e internacional, que a principal queixa de educadores nos dias de hoje é a indisciplina de seus alunos.

Na expectativa de apresentar um recorte junto as questões de aprendizagens, este trabalho foi elaborado a partir da perspectiva Psicopedagógica, visto que a Psicopedagogia é apresentada como um campo de atuação em educação e saúde que se ocupa do processo de aprendizagem e considera o sujeito, a família a escola e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios fundamentados em diferentes referenciais teóricos (ABPp, 2013, s/p).

Este trabalho foi desenvolvido em revisão de literatura a partir de pesquisas literárias, seleção de artigos e revistas, fichamentos, buscas em sites na internet, análise de informações relacionadas ao tema e problematização de ideias. Afim de melhor exposição das reflexões e organização, a revisão de literatura foi dividida em partes, na primeira aborda os anos iniciais do fundamental e os conflitos decorrentes nesta etapa, na segunda apresenta a questão da indisciplina expondo em seguida questões referentes ao uso das tecnologias e para finalizar são propostas reflexões sobre a pratica de intervenção psicopedagógica.

Com o objetivo de analisar as principais dificuldades escolares nas series iniciais no processo de ensino aprendizagem investigando a indisciplina e suas facetas.

## **OS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL E O CONFLITO**

Os anos iniciais do fundamental apresentam características específicas, dentre elas estão o desenvolvimento da capacidade de simbolização por meio da linguagem, o andamento das ações alfabetizadoras, a representação pelo desenho e da linguagem matemática que trazem múltiplas possibilidades de relação com o conhecimento. Espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver uma visão maior do todo e da complexidade de muitos assuntos e adotar um olhar sobre a realidade com diferentes perspectivas.

A base comum curricular descreve:

O Ensino Fundamental, com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos. Há, portanto, crianças e adolescentes que, ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros. Como já indicado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010)<sup>28</sup>, essas mudanças impõem desafios à elaboração de currículos para essa etapa de escolarização, de modo a superar as rupturas que ocorrem na passagem não somente entre as etapas da Educação Básica, mas também entre as duas fases do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e Anos Finais. (BRASIL, 2017, p. 57)

Nesse sentido esta etapa caracterizada por suas singularidades deve desenvolver ao longo dos nove anos as habilidades de se colocar no lugar do outro, a empatia, a busca, valorização e compreensão das regras sociais e da justiça.

Para tanto, os estudos carecem maior profundidade e grau de formalização, com uma volta constante aos mesmos conteúdos, a fim de analisá-los, registrá-los, aprofundá-los, exercitá-los e generalizá-los para outros contextos, o que denota o grau de importância social desta etapa que não está restrita apenas a alfabetização e seus desdobramentos, mas sim a um contexto de formação integral do sujeito (MOURÃO, 2013).

Entretanto a realidade está longe dos objetivos fixados pelas instituições de ensino, manifestados em lei como a nova base comum curricular (BNCC), as estatísticas apresentam o crescente número de crianças com dificuldades de aprendizagem, indisciplina e os regulares conflitos escolares, dentre outros aspectos que acentuam o ineficaz processo de ensino aprendizagem adotado nos diversos centros educacionais. Motivados por isso, podemos buscar entender melhor o que pode estar causando a ineficiência do sistema (escola, Estado e família), apontando que essa é uma leitura, um recorte, uma proposta, uma alternativa. Certamente haverá outras, desenvolvidas e amparadas a partir de outras percepções e experiências (CHRISPINO, 2007).

Desse modo dentre as diversas causas da infrutuosidade do fundamental, a mais recorrente queixa apresentada por escolas e professores é a chamada indisciplina na sala de aula, cabe ao nosso estudo apontar e verificar o papel do conflito neste cenário, para tanto vejamos, “Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento.” (CHRISPINO, 2007, p.15), seja pelas dificuldades de comunicação, divergências de informação (valor que se dá ao mesmo ato), opinião ou as condições para estabelecer o diálogo, os conflitos estão presentes em sala de aula e na maioria das vezes antecedem a denominada indisciplina.

A diferença na valorização do mesmo ato que ocorre entre mestres e alunos é um tipo de conflito. Como a escola espera historicamente um comportamento padrão dos alunos, ela aponta as normas e exige deles ajustamento quase que automático. A possibilidade de conflito aumenta quando as características dos alunos e professores divergem e as diferenças de opinião acendem nesse ambiente onde o esperado é vetar o conflito, visto que este é interpretado como algo ruim, uma deformidade social. (CHRISPINO, 2007)

Entretanto um novo olhar para a função do conflito pode torna-lo positivo e enriquecedor a medida que ele se apresenta como uma condição natural da diversidade, por conseguinte, necessária às relações entre pessoas. É pertinente ao professor conciliador nesse

processo apropriar-se das oportunidades que o conflito apresenta visto que a ação de evita-lo na maioria das vezes não “resolve” a questão. Chrispino (2007, p.17) diz que “o conflito é inevitável e não se devem suprimir seus motivos, até porque ele possui inúmeras vantagens dificilmente percebidas por aqueles que veem nele algo a ser evitado”, vantagens tais como apresenta Chrispino (2007, p.19):

- Ajuda a regular as relações sociais;
- Ensina a ver o mundo pela perspectiva do outro;
- Permite o reconhecimento das diferenças, que não são ameaça, mas resultado natural de uma situação em que há recursos escassos;
- Ajuda a definir as identidades das partes que defendem suas posições;
- Permite perceber que o outro possui uma percepção diferente;
- Racionaliza as estratégias de competência e de cooperação;
- Ensina que a controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento social.

Portanto essas oportunidades apresentarão em seu desfecho a visão da escola a respeito dos conflitos, seja como instrumento de evolução ou aquelas que o ver com importuno e ruim como algo que a escola deve eximir-se. Quais possíveis ferramentas a escola pode usar neste que mal interpretado é muitas vezes a mola propulsora para a indisciplina? Chrispino (2007, p.23), aponta que “pensar na introdução do tema mediação de conflito no currículo escolar seria uma oportunidade para verbalizar a questão e tornar claro o que se espera dos alunos no conjunto de comportamentos sociais”, esclarecendo para eles que suas diferenças podem transformar-se em hostilidades e que, se estes não forem entendidos, evoluem para o conflito, possível indisciplina podendo até desaguar em violência. Cabe ressaltar que esse aprendizado e essa percepção social, quando ocorrem com o estudante, são para sempre. Mas afinal o que é indisciplina?

### **INDISCIPLINA: O QUE PODE SER?**

O dicionário Aurélio apresenta o termo indisciplina como: falta de disciplina; desobediência, insubordinação, rebeldia. Esta definição pode ser considerada de certo modo

transcultural, mas sua aplicação é local e passível de interpretação e por que não dizer cultural.

Boarini (1998) aponta que:

A disciplina é algo que não pode ser universalizado, uma vez que em cada situação existe uma noção diferente do que é trabalhar disciplinadamente. Assim, a disciplina é a ordem necessária para a realização de algum trabalho, não necessariamente identificável com "estar quieto" ou "ficar no lugar". (BOARINI, 1998, p. 3).

Ou seja, não se pode caracterizar a indisciplina sob uma ótica restrita e pessoal, pois ela está diretamente ligada ao conjunto de valores estabelecidos em determinado grupo. A percepção real do que de fato se caracteriza como indisciplina, e quais as possíveis causas aumentam as chances de uma solução satisfatória e eficaz, sendo que o contrário também é verdadeiro, lidar com a indisciplina sem conhecer o foco, o meio cultural e seu contexto desprezando a diversidade e singularidades de cada aluno pode reforçar um ensino robotizado que não valoriza o aluno como sujeito subjetivo, ativo pensante e de valor social. Nessa perspectiva Rego aponta que:

[...] o conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo (REGO, 1996, p. 84).

Portanto, uma análise dessas relações se faz necessária, na intenção de tornar a indisciplina uma oportunidade de aprendizagem significativa, se refletirmos que definir indisciplina pode estar atrelado a observação do conceito de disciplina, uma vez que uma significa a falta da outra, temos a oportunidade de perceber possíveis causas e “soluções” como Rego em sua afirmação quanto a indisciplina aponta que, é “ um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência e desacato, traduzido na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora” (REGO, 1996, p. 85 apud BASSO, 2010).

Diante disto embasado no fato de que a escola representa um lugar de formação integral do ser humano em suas mais diversas dimensões: psíquica, social, política e etc.

Quando não bem preparado por essas dimensões o educando que é dotado por um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, traz consigo para a sala de aula uma conduta desordenada como bagunça, tumulto, desrespeito para com o educador, falta de limites, maus comportamentos, isto é, o não cumprimento das regras estabelecidas por escola e pelo professor.

O que não diz respeito somente ao aluno, não pode ser visto apenas como “problemas de comportamento” mas estabelecer uma visão de contexto e fatores que permeiam esta relação como atesta Garcia, [...] o conceito de indisciplina apenas como “problema de comportamento” precisa ser superado e assim devemos considerar outras dimensões além da comportamental, para englobar os diversos aspectos psicossociais envolvidos neste fenômeno (GARCIA, 1999, p. 102)

Segundo Betcher (2018, p.1) diversos autores apresentam seu olhar no que diz respeito a visão quanto as indisciplinas, como vemos a seguir:

“A indisciplina pode ser vista como uma forma do indivíduo se mostrar para o mundo, mostrar sua existência; em alguns casos, tem somente a intenção de ser ouvido por alguém” (FREITAS, 2007)

“A indisciplina pode ser uma maneira de a criança e o jovem informarem que algo não vai bem. Nesse sentido, seria um sintoma cujas causas podem estar localizadas na esfera pessoal, familiar, escolar ou comunitária.” (PÓVOA; SUDBRACK, 2004)

Sob esses pontos de vista, a indisciplina pode ser algo mais do que o descumprimento de regras, ela pode ser uma grande fornecedora de informações sobre a relação entre a escola, os alunos e os conteúdos. (FORTUNA, 2006, p. 89 apud BASSO, 2010).

Porém, o objetivo aqui não é a constatação de que nada se pode fazer quanto a esse descumprimento de regras, mas sim um caminho com novas alternativas de ação, visto que a sociedade atual está em constante mudanças e se faz necessário uma reflexão nas conexões de ambiente interescolar e extraescolar, até mesmo porque os alunos permeiam os dois contextos que se fundem como ambientes de aprendizagem e formadores sociais.

A percepção das mudanças sociais recorrentes aos avanços tecnológicos vem sendo apontadas já a algum tempo Coelho retrata que o termo nativos digitais (referindo-se a uma nova geração de pessoas nascidas na era tecnológica) foi usado inicialmente pelo norte-

americano Marc Prensky, e descreve também quem são estes indivíduos e suas características, como fica exposto na menção de Coelho, 2012:

Possuem a capacidade de realizar múltiplas tarefas, o que representa uma das características principais dessa geração. Ainda segundo esse autor, essa nova geração é formada, especialmente, por indivíduos que não se amedrontam diante dos desafios expostos pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e experimentam e vivenciam múltiplas possibilidades oferecidas por novos aparatos digitais. Portanto, esse fascínio característico da Geração Y pela descoberta e experimentação deve ser explorado pela escola, de forma a direcioná-la para um ensino e uma aprendizagem que dialoguem e interajam com os novos meios tecnológicos. (COELHO, 2012 p. 90)

Cada vez mais é possível perceber que a criança mudou. Os chamados nativos digitais não são passivos, eles se manifestam, dinamizam, e por vezes não reconhecem limites. Principalmente com a influência desordenada das interatividades, como celulares, tablets e computadores, que tem reforçado nos alunos, a desatenção, o desrespeito, enfrentamentos, a intolerância e o imediatismo. Mas será que existe relação entre as mudanças sociais e tecnológicas e o comportamento escolar das crianças?

### **INDISCIPLINA X TECNOLOGIAS: TEM RELAÇÃO?**

Os avanços tecnológicos apresentam um novo cenário mundial nas diversas esferas sociais, seria ingênuo desprezar tal fator nesta reflexão quanto aos acontecimentos escolares, visto que como já abordado a cima os educandos bem como todos os componentes escolares trazem para dentro da escola diversos aspectos sociais, ou seja o que acontece na sociedade afeta diretamente as relações escolares.

Um olhar detalhado para o porquê de tal criança apresentar tal comportamento, mostrará que multifatores acompanham este indivíduo, para Vasconcellos (1994, p.20), “as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno”, que ele descreve como profundamente entrelaçados.

Quando falamos de disciplina sabemos que ela condiz com o cumprimento de regras, e que também estas regras são organizadas conforme o ambiente e a situação em que estão inseridos os indivíduos que irão cumpri-las. Segundo Betcher (2018, p.2) podem ser divididas em morais e convencionais, descrevendo as morais como as regras construídas socialmente,

com base em princípios que visam o bem comum, tal como não xingar e não brigar. As convencionais são as regras definidas por um grupo com objetivos específicos. Um exemplo dessas regras é o uso do celular em sala de aula. Ela pode mudar de escola para escola e, ainda, dentro de uma mesma instituição, dependendo do momento. Ou seja, não usar o celular na sala de aula pode ser uma convenção, porém não há nada de moral nessa ação.

Vale refletir que em detrimento as normas escolares, existem ainda os fatores sociais tecnológicos que apontam as mudanças na era digital e o quanto estas, afetam as crianças e conseqüentemente a escola, podemos considerar sobre como as práticas recreativas tradicionais que envolvem a brincadeira estão sendo deixadas de lado e substituídas, as brincadeiras como amarelinha, esconde- esconde, pega-pega, estão cada vez mais atípicas, desse modo, a bola, bicicleta, bonecas, e patins, já não se constituem como brinquedos favoritos da infância atual, visto que, a tecnologia na sociedade contemporânea é a referência do lazer, trabalho e conhecimento (PAIVA e COSTA, 2015).

Não se pode negar que essas mudanças chegam as escolas, ambiente que historicamente sofreu poucas modificações quanto a sua estrutura inicial. Os nascidos nessa época encontram-se num tempo em que a tecnologia é a base da manutenção das relações sociais, dessa forma, torna-se uma tarefa difícil viver sem ela, uma vez que, as crianças antes mesmos de serem alfabetizadas sabem utilizar a maioria dos recursos acessíveis pelos aparelhos eletrônicos, de forma aleatória sem haver objetivo específico, essa condição provoca dificuldades no processo de aprendizagem desses aprendizes (GARCIA, 1999)

Paiva e Costa apontam que os prejuízos do uso desenfreado das tecnologias pelas crianças podem acarretar prejuízos além da aprendizagem:

Com isso, os brinquedos tradicionais caracterizados pela criatividade, coordenação motora e reflexos através do contato físico direto tornaram-se obsoletos, pois, o avanço tecnológico é um fenômeno associado à qualidade no mundo virtual, dificultando assim, o desenvolvimento das experiências sinestésicas (audição, visão, paladar, olfato, tato) nas quais são decorrentes da relação da criança com o mundo real. (PAIVA e COSTA, 2015, p.3)

Assim a perda destas experiências relativas a percepção de relações e sensações configuram um alerta, para o perigo e a urgência de uma cogitação sobre os reais impactos sócio educacionais das novas tecnologias, gera uma reflexão: qual o papel delas nesse tempo,

e se elas apresentam alguma influência no comportamento de seus usuários, cabe a seguinte indagação: tecnologia x indisciplina, tem relação?

Quanto a isso Paiva e Costa declara que:

A utilização da tecnologia cada vez mais precoce e frequente provoca vários questionamentos polêmicos quanto ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança, uma vez que, as crianças acabam substituindo as amizades reais pelas virtuais e preferem se divertirem aderindo ao mundo virtual (jogos eletrônicos e redes sociais) em detrimento de jogar bola e correr, ou seja, brincadeiras tradicionais nas quais envolvem exercícios físicos e a interação social com outras crianças. (PAIVA e COSTA, 2015, p.04)

Essa percepção aponta que as relações que a criança vem estabelecendo virtualmente traz prejuízos as relações sociais de vida comum, visto que muitas crianças ficam expostas a mídias de forma tão desordenada que passa a “viver num mundo virtual”, dentro desse aspecto Melo e Teixeira em estudos sobre a interação social apresentada por Vigostky, diz que “desde o nascimento, o homem já é um ser social em desenvolvimento e todas as suas manifestações acontecem porque existe um outro social” (MELO e TEIXEIRA, 2012, p.02), assim antes da apropriação da comunicação oral, o sujeito já está interagindo e se familiarizando com o ambiente em que vive.

Essa falta de interação com as pessoas do convívio comum, ou até mesmo o excesso de interação no quesito virtual tem estabelecido novas condutas nos alunos, que sentem dificuldade nas relações escolares com o outro, o que pode estar diretamente ligado ao fato que esse indivíduo está se desenvolvendo em maior interação com o virtual do que nas relações sociais conflitantes que o ajudam a construir a condição de lidar com o outro. Assim as crianças do período moderno não expressam publicamente seus sentimentos, aflições e desejos por meio do mundo real, com isso, isolam-se dentro de seus domicílios, já que, a tecnologia parece satisfazer suas necessidades. (PAIVA e COSTA, 2015)

Deve se levar em consideração que o aluno é um sujeito ativo no processo de construção de seu conhecimento e ao passo que constitui relações e se comunica, desenvolve-se cultural e socialmente, como indivíduo ativo que é. Nesse sentido uma amostra pertinente na relação que pode existir entre indisciplina e o uso desordenada e pouco mediado das tecnologias, encontra-se na reflexão de Rogoff sobre apropriação participatória:

O conceito de *apropriação participatória* se refere a como indivíduos mudam através de seu envolvimento em uma ou outra atividade. Com a participação guiada como processo interpessoal através do qual as pessoas são envolvidas na atividade sociocultural, a apropriação participatória é o processo pessoal pelo qual, através do compromisso em uma atividade, os indivíduos mudam e controlam uma situação posterior de maneiras preparadas pela própria participação na situação prévia. Esse é o processo de apropriação, e não de aquisição. (ROGOFF, 1998 p.126)

Assim como já apresentado anteriormente que a indisciplina de forma superficial diz respeito a comportamento, vejamos que Vigostki e Rogoff discorreram baseando-se nas relações e no processo de interação, sobre a natureza social do indivíduo, que o segue ao longo da vida. Destacam também que, a forma como os indivíduos estabelece relações nesse processo ditarão suas ações, emoções e reações. Todos esses olhares são como visões fragmentadas do complexo desenvolvimento humano em seus aspectos históricos e sociais que podem ser analisadas na busca de um entendimento real das indisciplinas na sala de aula. (MELO e TEIXEIRA,2012)

Portanto, é pertinente a reflexão sobre as tecnologias neste aspecto à medida que elas representam ambiente de relações, nesse sentido Melo e Teixeira, (2012 p.03) diz que “mesmo na ausência de um objetivo claro de ensinar algo, as interações informais e assistemáticas entre os pares podem leva-los a um novo aprendizado” o que nos leva a crer na possibilidade das crianças estarem trazendo para o ambiente escolar, comportamento adquiridos de relações virtuais, que a escola pode considerar inapropriado, quando não tem um contexto funcional de enriquecimento educacional.

## **INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

O trabalho desenvolvido por psicopedagogos em ambientes institucionais e atendimentos clínicos, tem sido relevante dentro da proposta da psicopedagogia que tem seu foco nas dificuldades de aprendizagem, Araujo (2014, p.14) afirma que: “A Psicopedagogia é uma área de atuação, que investiga o processo de aprendizagem do indivíduo, esse campo de atuação se divide em duas grandes esferas, com o mesmo objetivo de identificar, compreender, indicar e auxiliar nas dificuldades, através de diversas intervenções, Araujo (2014, p.15) aponta que “a psicopedagogia abrange tanto o ambiente escolar como o clínico. Cada espaço implica em uma metodologia de trabalho específico. Por isso devemos estar

atentos às necessidades do sujeito”. Nos dois ambientes este profissional busca compreender o processo de aprendizagem e atuar de forma preventiva contra os problemas que podem aparecer ao longo da construção e desenvolvimento dos alunos.

O psicopedagogo atua nestas duas esferas (clínica e institucional) de forma distintas na busca de um efetivo proveito, esse profissional na escola, irá nortear o modo à se lidar com esse aluno em questão, visto que cada ambiente apresenta um cenário específico, a forma de intervenção também se aplica a isto, sendo que em clínica faz-se um diagnóstico e age de acordo com ele a partir de terapias, aconselhamento familiar e juntamente com outros profissionais (fonoaudiólogos, psicólogos), já no ambiente escolar trabalha-se na perspectiva de prevenção, estabelecendo um suporte junto aos educadores, além de sugerir ações para tornar o ambiente escolar adequado para uma aprendizagem significativa (ARAÚJO, 2014).

Araújo (2014, p.46) descreve a atuação deste profissional como alguém “preparado para lidar com problemas de aprendizagem escolar, diagnosticando, prevenindo, e elaborando planos de intervenção que colaboram para uma melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem. Logo podemos perceber a importância deste profissional, principalmente no cenário atual onde parece reinar uma insegurança dos profissionais da educação, diagnósticos patologizantes em massa, evolução dos problemas de comportamento nas escolas e famílias completamente perdidas nesse processo, ou seja, um grande caos social.

Nos casos de indisciplina esse profissional pode ter um papel decisivo, tanto em clínica quanto na instituição, visto que como é um profissional de olhar experimentado para ver cada situação de forma mais ampla porém específica, sua atuação torna-se eficaz na verificação das possíveis causas desta indisciplina e direcionamento ao melhor recurso na perspectiva de uma solução, na elaboração de projetos e até mesmo na mediação da inserção da temática no currículo escolar. Claro que seria utópico pensar no psicopedagogo como solução eminente para todos os enfrentamentos escolares, o que não é real, mas em casos de indisciplina este profissional poderia atuar junto aos professores, indicando estratégias de abordagens, que os auxiliaria quanto a essa demanda.

Entretanto não colocando toda a “solução” a cargo deste profissional pois como aponta La Taille (1996, p. 22) “a indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente a falhas psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa”. O que e destaca o quão ampla é a

questão, que se apresenta além do universo estritamente escolar, mas não nos desencoraja a buscar meios para lidar com ela neste espaço.

A participação do psicopedagogo no cenário das indisciplinas pode ser justificada pelo fato de que elas podem interferir diretamente na aprendizagem dos alunos e que essa atuação poderia minimizar o impacto na aprendizagem e caracterizar uma possível intervenção preventiva, nesse sentido Araújo (2014, p.20) expressa que “quando as crianças enfrentam conflitos tanto internos (afetivos, cognitivos e biológicos) quanto externos (família, escola e professor), e os mesmos não são resolvidos, constitui-se um dos indicadores da não-aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mundo está em constante transformação, e trouxe com essas mudanças novos aspectos a serem considerados no comportamento humano. Os chamados nativos digitais configuram uma nova geração na qual sua principal característica é o imediatismo, o agora! As demandas escolares também mudaram e à medida que a sociedade vem sofrendo uma metamorfose constante novas estratégias se fazem necessárias no ambiente escolar, principalmente nos anos iniciais do fundamental, período em que o desenvolvimento das habilidades e capacidades básicas estão em grande expressão.

Essa nova geração de crianças tem ficado expostos a jogos super estimulantes, games e vídeos que influenciam seu modo de agir, de falar enfim de relacionar-se com o mundo. Na perspectiva das relações a estrutura escolar sofreu pouca ou quase nenhuma modificação, exigindo de seus alunos um padrão de comportamento, uma disciplina que ao que parece eles têm uma certa dificuldade de seguir, e compreender o que por vezes ocasionam os conflitos nas suas diversas formas que por sua vez desaguam nas chamadas indisciplinas escolares.

Associado a isso, as características de rotina extraescolar dos alunos sofreram diversas mudanças. As crianças passam mais tempo conectados a realidade virtual que em interação real com indivíduos de seu entorno, o que os desobriga de por vezes estar em relações complexas que requer deste certo amadurecimento, o que o faz trazer para o ambiente escolar uma conduta muitas vezes inapropriada para este espaço. A escola ao longo dos anos tem se

valido do auxílio de novos profissionais para as mais diversas demandas que surgiram na educação provenientes das mudanças sociais, sendo que um destes é o psicopedagogo.

Dentro do contexto escolar a ação do psicopedagogo se faz necessária nos variados pontos que envolve a aprendizagem dos indivíduos. Nos casos de indisciplina, atuando no auxílio junto aos professores, na perspectiva de nortear um olhar singular para cada situação, aplicando manobras que valorizam uma prática conciliadora e proveitosa dos conflitos, afim de consolidar valores na aprendizagem dos envolvidos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES C. **Professore bonzinho = aluno difícil: disciplina e indisciplina em sala de aula.** São Paulo: Vozes, 2002

AQUINO, J. G. (Org). **Autoridade e Autoritarismo na Escola:** alternativas teóricas e práticas. 3ª Ed. – São Paulo: Summus, 1999.

ARAÚJO, P. F. C. **A psicopedagogia seria uma possibilidade para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem?** Dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014

\_\_\_\_\_. (Org). **Indisciplina na escola:** alternativas, teorias e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_, (Org). **A violência escolar e a crise da autoridade docente.** Caderno Cedes. Campinas, SP. V.29, n.47, p.7-19, dez. 1998.

BETCHER, Cleber Nazário. **A Indisciplina Escolar.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 03, Vol. 02, pp. 60-70, Março de 2018. ISSN:2448-0959 acesso em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/a-indisciplina-escolar> 22/08/2019

BOARINI, M. L. (1998). **Indisciplina escolar:** a queixa da atualidade. Série Apontamentos, Maringá: Eduem, 69, 1 – 18. 1998.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico.** Porto Alegre: ArtMed, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez.1996.

\_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <[568http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 02 jun.2017.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

CÓDIGO DE ÉTICA da ABPp. **Conselho Nacional do Biênio 91/92, revisão Biênio 95/96,** São Paulo, julho de 1996.

COELHO. P. M. F. **Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas.** Universitat de Vic - Espanha - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – TIDD – 2012.

GARCIA, Joe de Assis. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva.** R.paran.Desenv., Curitiba,n.95, jan./abr. 1999.

GUERRA, R. **Até que ponto a tecnologia faz mal a infância?** Tecmundo. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/estilo-de-vida/32723-ate-que-ponto-a-tecnologia-faz-mal-na-infancia-.htm>>. Acesso em: abr. de 2019.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentido de vergonha. In: Aquino, J. G. **A indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** 1ª edição. São Paulo: Summus, 1996.

MELO, F. F; TEIXEIRA, A. C., A Intenção Social Descrita por Vigotsky e a Sua Possível Ligação com a Aprendizagem **Colaborativa Através das Tecnologias de Rede,** XI ANPED Sul, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

MORAN, J. M. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** Campinas, SP: Papirus Editora, 2007.

MOURÃO, L. ESTEVES, V.V. **Ensino Fundamental: das competências para ensinar às competências para aprender.** Rio de Janeiro, RJ: Ensaio: aval. pol. públ. Educ., 2013

PAIVA, N; COSTA, J. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?** .Faculdade Santo Agostinho (FSA) Teresina, Piauí, 2015.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo:** uma análise na perspectiva vygotskyana. In: AQUINO, J. G. (org.). *Indisciplina na escola*. 11ª Ed. São Paulo: Summus, 1996.

VASCONCELLOS, C. S. **(IN)DISCIPLINA:** Construção da Disciplina Consciente e Interativa em Sala de Aula e Na escola. 13. Ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1984